

A criança que aprende divertindo-se e a tela que diverte educando: a recepção infantil de programas de TV lúdico-educativos ligados à educação ambiental

The child who learns through play and TV that entertains while teaching: children's receptiveness to playful-educative television programs related to environmental education

*Adriana Magalhães Alves de Melo**

Resumo

O surgimento de estudos a partir da perspectiva dos receptores tem contribuído para uma melhor compreensão da relação criança e televisão. Constatou-se que a aliança entre o lúdico da televisão e o educativo é chave do sucesso para a educação via televisão junto ao público infanto-juvenil. O presente estudo tem por objetivo compreender como as crianças estão recebendo esse tipo de programa, que ensina divertindo, mais especificamente em relação à educação ambiental. Para melhor delimitar o trabalho, foi escolhida a novela infantil *Flora Encantada*, exibida no programa *Angel Mix*, da Rede Globo, de outubro de 1999 a março de 2000, que buscava uma integração entre educação ambiental e televisão. Será examinada a recepção da novela, visando compreender as leituras que as crianças fazem, para, enfim, mapear essa recepção infantil.

Palavras-chave: Televisão. Educação. Recepção. Meio ambiente. Criança.

* Mestre em educação - Instituição em que trabalha: Câmara dos Deputados.

E-mail: amamelo@solar.com.br

(Artigo sobre dissertação aprovada pela Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, área de Tecnologias na Educação, sob a orientação da Profª. Drª. Vânia Lúcia Quintão Carneiro).

Abstract

Studies focused on the receptor's perspective have contributed to the understanding of the relationship between children and television. It has been verified that the association between entertainment and education is the key component for the success of educative television programs for young audiences. The main goal of this study was to understand how children are responding to television programs that teach while entertaining, particularly those related to environmental education. "Flora Encantada", a segment of the program "Angel Mix" from Rede Globo, during the period of October 1999 to March 2000, was employed in this study. Assessment of this children's program, aimed at integrating aspects of environmental education with television, enabled us to better understand its receptiveness among children.

Keywords: Television. Education. Receptiveness. Environment. Children.

Introdução

É o objetivo deste trabalho compreender melhor as nuances e as particularidades do olhar da criança sobre os programas infantis de televisão. Mais especificamente, procura decifrar a recepção de programas infantis que educam, mesmo sem possuir essa prerrogativa em sua concepção, ligados à temática da educação ambiental.

Dentro desse olhar infantil, é levada em consideração a importância das mediações do contexto socio-cultural, como a família e a escola, e o desenvolvimento do conceito da recepção ativa, segundo o qual a audiência não é um ser inanimado com o qual a televisão faz o que quer, mas que, ao contrário, é formada por indivíduos que selecionam e trabalham aquilo a que assistem na telinha.

Os conceitos e as características da educação ambiental serão também abordados, uma vez que é importante destacar a relevância de uma educação transdisciplinar, menos ligada à quantidade de informação e mais preocupada com a sensibilização do público.

Metodologia - Concebendo a metodologia como uma estrada em construção, optou-se pela pesquisa qualitativa, que tem características essenciais para que se possa interpretar o processo de recepção. O programa escolhido para ser avaliado junto ao público infantil foi "Flora Encantada", novela exibida pela TV Globo, durante seis meses (outubro de 1999 a março de 2000), de segunda a sexta-feira, no programa Angel Mix. Flora Encantada tratava da temática ambiental, uma vez que a personagem principal, Flora, era uma garota ecológica que zelava pela floresta juntamente com seus amigos, defendendo-a da Bruxa Ganância, que queria destruir Flora e a natureza.

Como estudo exploratório, a fim de avaliar se o programa era assistido e de que forma era visto, foi distribuído um questionário entre crianças de 3ª e 4ª séries, de escola pública e particular, assim que o programa saiu do ar.

Entende-se que, num estudo de recepção, não se pode deixar de levar em conta o meio social em que a pessoa vive, suas construções psicológicas, as mediações da família e da escola. O questionário foi utilizado nessa pesquisa, portanto, também como orientação para a formação de grupos, que tiveram sua audiência observada, após a qual os participantes puderam discutir a leitura que fazem desse programa, para que se pudesse conhecer as particularidades que envolvem seu processo de recepção.

Em seguida, foram escolhidos dois episódios da série “Flora Encantada” para serem exibidos a grupos de crianças, que, a partir da provocação da pesquisadora, conversaram sobre o que viram. Em abril de 2001, foi constituído um grupo, formado por crianças que possuíam afinidades extra-escolares, por serem amigos ou primos. Em junho de 2001, o grupo analisado foi o da 1ª série do Colégio particular INEI do Lago Sul, bairro nobre de Brasília, formado basicamente por crianças de classe média alta. Crianças de nível socio-econômico mais baixo, estudantes da 1ª série da escola pública Centro de Ensino n. 10, do Guará II, cidade-satélite de Brasília, também formaram um grupo, em julho de 2001. Foi realizada, ainda, uma entrevista individual com um dos participantes do primeiro grupo, com o objetivo de esclarecer melhor alguns pontos dos grupos de discussão.

A seguir, na revisão da literatura, serão enfocadas as teorias que nortearam esta pesquisa. Serão abordados os estudos de recepção, contendo histórico das teorias da comunicação, definição de receptor ativo e as características da recepção infantil; será tratada, ainda, a relação da televisão com a educação, seus pontos de convergência e divergência; em seguida, a educação ambiental será tema, com sua fundamentação teórica e sua importância.

Justificativa - Na maioria do tempo que passa em casa, a criança assiste a algum programa televisivo (Schramm, 1968). Os pais, a escola e a sociedade em geral já passaram por diversos tipos de reação face à TV: tanto no passado, como agora, acusaram-na de manipuladora e de alienante. Atualmente, existem várias teorias construindo um novo conceito, que confere mais poderes aos receptores, chamados de recepção ativa. Segundo esse novo conceito, o público da TV não é uma vítima passiva dos “poderes televisivos”, mas faz da televisão o uso que lhe convier.

Apesar disso, a televisão continua causando polêmica nas famílias e escolas. E há motivos para isso: grande parte da programação simplesmente se volta para o consumo e a standardização de valores e atitudes. Entretanto, não é só de “bandidos” que vive a programação televisiva brasileira. Uma parte da

programação infantil é destinada a programas que possuem uma intenção educativa, como é o caso do Castelo Rá-Tim-Bum, produzido pela TV Cultura. Outros programas, apesar de não possuírem uma estrutura pedagógica em sua concepção, transmitem tamanha gama de informações, conceitos e vivências, que acabam por se tornar também educativos. A educação nesse tipo de programas vem diluída no seu caráter primordialmente lúdico, o que lhes confere o *status* de “lúdico-educativos”.

Estudos recentes apontam para a direção da ligação entre o entretenimento e a educação na TV: essa é uma relação possível e de sucesso (Carneiro, 1999a). Ferrés ensina que: “em definitivo, o caráter lúdico da tecnologia do vídeo pode otimizar o processo de aprendizagem. A máxima ‘ensinar divertindo’ é conhecida desde a Antiguidade. Hoje a tecnologia favorece sua aplicação em sala de aula” (Ferrés, 1996b, p. 58). Em seu “Televisão Subliminar” (1998), Ferrés parte do princípio de que os principais efeitos da TV são aqueles inconscientes, ditados pela emoção, pelo lúdico, justamente as principais características da linguagem televisiva. Para isso, a TV usa e abusa da sedução, e não do convencimento ou coerção.

Nesse caso, o conceito de educação que se quer compreender não contempla o acúmulo de informações, mas a sensibilização, o impregnar de sentido as práticas cotidianas. E é exatamente nesse “impregnar de sentido” que se situam as bases da educação ambiental. É um tipo de educação que não tem paredes delineadas, pois fazem parte da sua natureza a interdisciplinaridade e a complexidade.

Estudos de recepção

a) Receptor ativo

A evolução das teorias da comunicação, que começaram por tratar a audiência como um rebanho sem vontade nem capacidade de reação, terminam por conferir um papel profundamente ativo ao receptor. Hoje, não se faz mais a pergunta “o que a mídia faz com você?”, mas sim “qual é o uso que você faz da mídia?”.

“Ora, o que se busca, nos atuais estudos da recepção, é (...) afirmar uma ação protagônica, de sujeito livre, nos processos comunicativos”, afirma Gomes (1998, p. 18). A comunicação, dessa forma, não pode ser vista como simples transmissão de informação, mas sim como fruto de um emaranhado de fatores implícitos envolvidos em seu processo. Não se coloca mais emissor e receptor em pólos separados, mas tenta-se, sim, fazê-los coabitar num processo interativo, sendo necessária uma permissão, por parte do receptor, para que a comunicação se realize.

Quando essa permissão é concedida, surge um terceiro espaço, o espaço tangencial, onde a interação é realizada. Os novos estudos, de acordo com

Jacks (1999), têm como eixo principal o deslocamento dos meios ao espaço tangencial, de interação. Ou seja, passa-se do estudo dos meios à compreensão das mediações.

Ferrés (1998) é categórico ao afirmar que a interação entre emissão e recepção é mais profunda quando se passa sob a esfera da emotividade. Segundo o autor, as decisões humanas são tomadas tanto pela razão quanto pela emoção, dois aspectos que se complementam, diluem-se e contrapõem-se. As mensagens emotivas podem estar (e quase sempre estão) racionalmente elaboradas na mídia. Porém, é o receptor que dá sentido e significado às mensagens emotivas, de acordo com suas necessidades e desejos.

Centrar o eixo no receptor significa, portanto, evidenciar que o que se passa na recepção é algo que diz respeito ao modo de vida das pessoas, ao seu cotidiano. Pode-se dizer, portanto, que o espaço cotidiano é o local ideal para se realizar estudos de recepção.

A nova visão do processo comunicativo não é uma concepção “caída do céu”. Ela vem embalada nas características da realidade atual, na qual a disseminação de informação é uma rodovia de alta velocidade através da qual as culturas regionais e nacionais se tocam, ligam-se, hibridizam-se e diluem-se umas nas outras.

b) Recepção infantil

Muito se fala sobre o universo infantil, seu estágio de desenvolvimento, seus gostos, seu modo de ver o mundo. Tudo isso é tema de volumosas pesquisas no mundo todo. Entretanto, lidar com o universo infantil não é simples, como foi muito bem colocado por Larrosa: “as crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua” (1998, p. 69).

Hodge e Tripp (1986) realizaram uma grande pesquisa na Inglaterra a fim de ter indicações das nuances presentes na percepção de TV pelas crianças. O pressuposto que eles adotaram para pesquisar crianças e TV foi o seguinte: ao decodificar uma mensagem televisiva, é elaborado pelo receptor um conteúdo com significado (que pode ser diferente daquele que o emissor tentou transmitir). O receptor, então, assimila o que ele compreendeu de acordo com seu cabedal de experiências e desejos. A partir daí, ele pode ou não externar como comportamento o que compreendeu. O pesquisador pode observar, tão-somente, esses sinais evidentes da última etapa, quando o receptor coloca para fora o que foi compreendido. Toda a teoria sobre o que ele apenas internaliza é baseada em indicações indiretas. Está aí a maior dificuldade da pesquisa.

Sobre os efeitos da TV sobre o público infantil, Gardner (1999) destaca dois mitos sobre as crianças: um as trata como sujeitos ativos; outro, oposto, as retrata como vítimas passivas da televisão. Como essas lendas excludentes podem perdurar? O autor concorda com o primeiro mito e discorda quase completamente do segundo, dizendo que a TV pode exercer efeitos positivos na imaginação das crianças. Longe de ser um obstáculo, a TV passa a ser a arena na qual a imaginação da criança se manifesta, auxiliando seu florescimento.

A televisão e a educação

O meio educativo ainda revela-se pouco à vontade quando se trata de aliar televisão e educação formal. Cogo e Gomes (2001) realizaram pesquisa com educadores sobre os meios de comunicação e descobriram que a grande maioria não acredita na mistura entre escola e meios de comunicação, em particular a televisão. Uma porcentagem menor reconhece a capacidade instrutiva dos meios, mas não gostaria de relacioná-los com seu trabalho na escola, por falta de capacidade, tempo ou vontade. Uma pequena minoria entende que a vinculação entre meios de comunicação e escola é importante. “Por que não usar essa atração para atender às necessidades cognitivas e emocionais da criança? Por que não usar essa atração para promover uma aproximação entre a criança e os conhecimentos escolares?” (Carneiro, 1999b, p. 31).

Por parte da TV, a aliança entre a diversão que a televisão proporciona e a educação somente traria benefícios às crianças. Algumas pesquisas vêm sendo realizadas neste sentido, como é o exemplo do estudo do programa “Castelo Rá-Tim-Bum” (Carneiro, 1999a). No trabalho, a autora defende o sucesso educativo de um programa de TV (no caso, o Castelo Rá-Tim-Bum) que se propõe a aliar o educativo à plena utilização de sua linguagem própria, que é o entretenimento.

Todas essas pesquisas apontam para um fato: a TV educa, sim, mas essa educação deve estar diluída na diversão que ela proporciona. Ao tomar por objeto de estudo a televisão “lúdico-educativa”, pretende-se colocar em evidência aquele tipo de programação que é o usualmente buscado pelas crianças ao assistirem à televisão, enfatizando o fato de que aí, incidentalmente, também ocorre a educação.

Educação não-controlada

As novas tecnologias não são apenas novos instrumentos: o seu desenvolvimento sugere uma nova forma de ver o mundo. No campo da educação,

o advento das novas tecnologias implica uma nova relação com o saber. Para Ferrés, “um dos efeitos mais relevantes da exposição sistemática à televisão é, então, a modificação das experiências perceptivas. Ao favorecer a percepção e o sensitivo, a televisão tende a provocar respostas mais emotivas do que racionais”.

Essa linguagem audiovisual proporciona, à sua audiência, um emaranhado de processos que perpassam os campos do emocional, estético, educacional e psicológico. Entretanto, essa aprendizagem não formal proporcionada pela televisão, de acordo com Braga (1995), nunca foi muito estudada. Ele sustenta que a sala de aula e o livro continuam a ser as duas mediações em torno das quais se organizaram referências básicas de comunicação educacional.

Educação ambiental

O mundo atual está dividido em duas formas de pensar que são totalmente opostas, ou, indo mais além, incompatíveis: uma não pode viver se a outra existir. De um lado, temos a sociedade da razão instrumental, unidimensional, inaugurada por Descartes.

Do outro lado, encontra-se o paradigma holístico, ecológico, que concebe o mundo como um todo integrado. Essa percepção reconhece que todos os fenômenos são interdependentes, e todos os indivíduos e sociedades estão encaixados em processos cíclicos da natureza. No paradigma holístico, é preciso adquirir uma percepção ecológica do mundo. Dessa forma, não se pode obrigar ninguém a agir ecologicamente: é preciso adquirir a percepção.

É essa concepção que a educação ambiental tem adotado. Gutiérrez e Prado recorrem ao termo “ecopedagogia”, para esclarecer a dimensão da educação ambiental, que seria “impregnar de sentido” as práticas (1999, p. 23). Isso quer dizer: promover uma SENSIBILIZAÇÃO. Desenvolver uma “ética do cuidado”, como diz Boff (1999). É preciso buscar uma mudança de paradigmas, tão profunda, que seja impossível viver de outra forma. Dentro de uma abordagem complexa, a educação ambiental deve ser capaz de despertar emoções, trocar o conceito de “eu penso”, por “sinto-me diferentemente” (Silva, 1994).

O Governo Federal também demonstrou a importância que dá ao tema “educação ambiental”, ao colocar o assunto nos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares do Ensino Básico, adotados pelo Ministério da Educação (MEC), que são uma referência curricular seguida em todo o País. Segundo o MEC, a “transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade)” (Brasil, 1997a).

Um desses temas transversais é justamente o meio ambiente. Durante a conferência Rio/92, foi elaborado um documento que define a educação como primordial para a construção de um mundo ecologicamente equilibrado. “E é isso o que se espera da educação ambiental no Brasil, que foi assumida como obrigação nacional pela Constituição promulgada em 1988” (Brasil, 1997b). A educação ambiental, portanto, tem grande importância na definição educativa do atual governo, que contempla também sua característica transdisciplinaridade.

A educação ambiental firma-se como a porta para que os alunos entrem numa consciência global, a fim de que assumam posições concatenadas com sua proteção e melhoria. É fundamental, portanto, que as crianças tenham a capacidade de atribuir significado àquilo que aprendem sobre a questão ambiental.

O programa “Flora Encantada”

Foi necessário encontrar um produto midiático que se adequasse às características que se pretendia analisar: um programa lúdico-educativo, de televisão aberta, que fizesse referências às questões ambientais. Em outubro de 1999, estreou a novela infantil “Flora Encantada”, transmitida pela TV Globo, no programa Angel Mix.

Flora vive na raiz de uma árvore, no meio de uma floresta, com seus amigos. Ela é uma garota apaixonada pela natureza e que se dedica a preservar a floresta, que herdou de seu avô, das mãos destruidoras da bruxa Gana Ganância. Flora conta com a ajuda de seus amigos Gafa, Índio Mirim, Toupeira, Joaquinha e as Flores Cantoras para combater as maldades de Ganância e seus aliados Tanachata, Traça e Papa.

A cada episódio, o programa fazia referência a pelo menos um problema ambiental, que era, na maioria das vezes, pano de fundo para que se desenvolvesse a ação principal, com toques de magia, disfarces, músicas, efeitos visuais, brigas e reconciliações, recursos narrativos típicos de TV. O programa “Flora Encantada”, então, insere-se plenamente nas características desejadas: um programa infantil, que tem no entretenimento a tônica principal para que sejam passadas mensagens educativas, no caso, sobre educação ambiental.

Foram escolhidos dois episódios de “Flora Encantada” para serem exibidos às crianças. Um dos programas era “Mãe d’Água”, que trata do problema do desperdício de água. O segundo episódio faz parte de “Dicas”, e trata do desperdício de papel. Os dois episódios foram escolhidos por seus temas fazerem parte do cotidiano mais familiar das crianças, que é a forma como eles utilizam água e papel, sem abdicar do dinamismo da linguagem televisiva, com efeitos visuais, muita música e ação.

Conclusões

O mérito desta análise está em realizar um esforço no sentido de compreender melhor a visão infantil frente à televisão, mais especificamente frente a programas ligados à educação ambiental, a fim de dar uma contribuição para enriquecer a pesquisa na área.

O programa “Flora Encantada” fazia larga utilização da linguagem televisiva, sempre tendo como pano de fundo o meio ambiente. Na maioria dos casos, entretanto, o meio ambiente era apenas um pretexto para as brigas entre a turma de Flora e da Bruxa Ganância, que aconteciam em todos os episódios. O que se observa, porém, é que a linguagem televisiva não é uma simples soma de cada elemento que a compõe, como música, personagem e enredo. Ela traduz a total interação desses ingredientes, transformando isso tudo numa receita que promove a sensibilização pela emoção.

Portanto, o simples fato de haver um programa televisivo lúdico-narrativo, destinado ao público infantil, com vistas à educação ambiental, já pode ser encarado como uma grande iniciativa para a sensibilização. Deve-se observar, entretanto, que muitas oportunidades de contextualizar melhor os problemas ambientais foram perdidas pelos autores de “Flora Encantada”, ao relegar à questão ambiental apenas um pretexto para o desenvolvimento do enredo do programa.

Sobre as formas de manifestação do lúdico, observou-se que os momentos mais lembrados pelas crianças foram aqueles em que eram exibidas situações divertidas. Eles fizeram vários comentários a respeito dos bonecos, personagens, enredo e cenário, elementos que formam a linguagem televisiva, desaguando num ambiente altamente emocional. Essas inferências racionais, entretanto, não podem esconder o veio emocional do programa, que é mais poderoso, pois inconsciente. Ao contrário do que o senso comum diz, é exatamente nesses programas lúdicos que se concentra a maior carga de poder persuasivo, uma vez que não provocam barreiras racionais no telespectador, que pensa estar apenas se divertindo. Esse ambiente, que prende a atenção das crianças, favorece a sensibilização, que não é, na maioria das vezes, reconhecida conscientemente, manifestando-se aos poucos.

A educação ambiental também privilegia a sensibilização. Pode-se observar, portanto, que as duas áreas, TV e meio ambiente, possuem vários pontos tangenciais. A aliança entre as duas esferas não pode ser outra senão o sucesso.

Não se pode deixar de anotar o fato de que várias crianças classificaram o programa como infantil ou chato. Uma explicação é que existe uma tendência na audiência infantil de TV de preferir programas adultos, tendência já ressaltada em diversas pesquisas.

Durante a pesquisa, pôde-se observar a facilidade das crianças em reconhecer a vertente educativa de um programa de TV, ainda que ele seja um programa predominantemente lúdico, como era o caso de “Flora Encantada”. As crianças não deixavam de reconhecer conscientemente que aprendiam algo com o programa, como “preservar a natureza”. Entretanto, tomando as palavras de Braga, “o momento em que sentimos a aprendizagem é quando percebemos que a informação se encaixa de alguma maneira em nosso repertório, nossas necessidades e motivações” (1995). A vantagem do lúdico televisivo, observado na pesquisa, é justamente favorecer esse momento de encaixe, mesmo que não seja manifestado conscientemente.

Apesar de as crianças admitirem ter aprendido algo com o programa, muitas delas não conferem a essa educação, numa primeira análise, tanta credibilidade quanto é outorgada à escola. Uma das crianças reconheceu que gosta de ver filmes na escola porque “gasta o tempo da aula”. Outro disse que age de acordo com o que aprende na escola, não dando crédito ao que vê na TV. Apesar da aparente falta de legitimidade da televisão, presente nas respostas das crianças, se o aspecto emocional do discurso televisivo for levado em conta, a análise tem que ser realizada de outra forma. A grande possibilidade emocional da televisão pode estar mascarando sua própria influência.

Identificou-se, ainda, que o cotidiano e realidade socio-econômica podem exercer influência direta sobre aquilo que as crianças revelam ter aprendido. A recepção é espaço de negociação, onde o significado é construído. Verifica-se que o indivíduo dá à recepção a direção tomada por seu histórico de experiências e seu estado psicológico, sendo determinante desse diferencial o fator socio-econômico e a bagagem individual de cada um.

Percorrendo o caminho inverso, analisando-se a forma como as crianças levam para seu cotidiano aquilo que viram na televisão, as crianças observadas não fugiram muito das frases feitas como “preservar a natureza” e “não poluir” ao dizer o que fazer, por exemplo, para preservar a água e as árvores. Ainda que o programa mostrasse situações cotidianas, reais, elas não relacionaram, ao menos nas observações verbais, as situações observadas no programa ao seu cotidiano direto.

A familiaridade com o tema educação ambiental também mostrou ser condicionada à classe social. As crianças da escola pública deram pouca demonstração de que já foram apresentadas ao assunto, enquanto as de escolas particulares evidenciaram ter mais familiaridade com o tema. Essa intimidade proporcionou um nível de discussão bem mais elevado que o observado na escola pública. As crianças chegaram a discutir temas não ligados diretamente ao programa assistido, como destino do lixo e formas para diminuir a poluição.

Para desenvolver a discussão, as crianças falaram bastante de sua experiência pessoal, citando viagens e passeios, em que foi observada uma degradação (ou não) do meio ambiente. Também mencionavam outros programas de TV sobre o assunto.

Várias explicações podem ser sugeridas para a diferença no nível de discussão dos dois grupos, sempre lembrando que a pesquisa está baseada no que a criança externou durante a pesquisa, o que impede a avaliação de sua real percepção, ou seja, aquilo que ela manteve internalizado não tem como ser analisado. Uma das interpretações seria a falta de hábito das crianças de classe econômica mais baixa de discutir o tema, tanto em casa quanto na escola, o que ficou evidenciado diante da falta de familiaridade dessas crianças com o assunto. Outra explicação seria a audiência solitária de TV, que, como foi apontado por Lazar na pesquisa sobre “Vila Sésamo”, faz a diferença na recepção: a oportunidade de discutir o que se está vendo é rica para que o assunto fique internalizado e seja absorvido pela criança.

Mas não é somente a forma como se assiste à TV que pode ser a causa da diferença. Vygotsky afirma que a cultura constitui a natureza humana, já que a característica psicológica dos homens constrói-se a partir da internalização dos processos históricos e culturais (Rego, 1995). Os estudos de recepção evidenciam, a cada dia, a importância do cotidiano e da realidade cultural do sujeito. O ato de recepção não começa com a audiência propriamente dita, nem termina quando o programa acaba. De acordo com as experiências, realidade, vivência, o indivíduo constrói a recepção, descartando, de acordo com sua subjetividade, o que lhe servirá ou não. Dessa forma, a realidade socio-econômico-cultural dos grupos, tão diferentes entre si, evidenciou a disparidade na recepção.

A cumplicidade da escola no desenvolvimento de uma visão voltada para o meio ambiente vem ratificada pela inserção da educação ambiental nos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares do Ensino Básico, adotados pelo Ministério da Educação como referência para uma educação que visa dotar crianças de uma visão de mundo que não se limite às necessidades escolares.

Uma forma de sensibilizar alunos com relação ao tema, portanto, passa pela televisão, com a importante mediação do professor, que tem a função de conduzir uma discussão a partir da audiência de vídeos lúdico-educativos, como foi observado na pesquisa. A professora coloca-se numa posição fundamental, a partir do momento em que assiste ao vídeo com as crianças, pergunta detalhes sobre ele para ter certeza de sua compreensão, ouve a opinião dos alunos sobre elementos do programa televisivo e, a partir daí, desenvolve uma discussão sobre problemas ambientais.

Acima de tudo, é necessário que o educador reconheça na televisão um aliado na educação das crianças.

A manifestação do lúdico, a emotividade da diversão, a possibilidade de mediação e discussão, o histórico sócio-cultural e psicológico dos sujeitos, a audiência solitária, a familiaridade com o tema e sua transdisciplinaridade, a importância do cotidiano.

Espera-se que esse estudo contribua para fornecer subsídios à produção desse tipo de programa, a fim de que se possa tirar o maior proveito possível da inesgotável riqueza do entretenimento aliado à educação na televisão. A escola, também, pode ser uma grande beneficiária dessa ligação, enquanto souber utilizar esse grande potencial como aliado em sua construção do conhecimento.

Referências

- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRAGA, José Luís. Meios de Comunicação e Linguagens – a questão educacional e a interatividade. *Textos de Comunicação e Cultura*, n. 34, p. 32-54, dez. 1995.
- _____. *Recepção e aprendizagem na interação do usuário com processos e produtos das novas tecnologias em comunicação*. Projeto de pesquisa. Mimeo, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, MEC/SEF, 1997a.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente, saúde* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997b.
- BUCKINGHAM, David. *Recriando a TV na sala-de-aula*. Entrevista concedida a Gilka Girardello, no site Ateliê da Aurora (<http://aurora.eps.ufsc.br/>), 2001.
- CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. *Castelo Rá-Tim-Bum – O educativo como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 1999a.
- _____. *Programas Educativos na TV. Comunicação & Educação*. n. 15, p. 29-34, maio-ago. 1999b
- _____. *Televisão/vídeo na comunicação educativa: concepções e funções*. In: FIORENTINI, Leda Maria Rangearo e CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão (coord.). *TV na escola e os desafios de hoje*. SEED/MEC – Unirede – Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2000.
- COGO, Denise e GOMES, Pedro Gilberto. *Televisão, escola e juventude*. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- CROITOR, Cláudia. *Professora eletrônica – Televisão educa quem cedo madruga*. *Folha de São Paulo*, São Paulo: 22 jul. 2001, TvFolha (versão eletrônica).

DURAND, Gilbert. Multidisciplinaridade e heurística. In: *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. *Como se faz uma tese*. 15. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a.

_____. *Vídeo e educação* (Tradução: Juan Acuña Llorens). 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b.

_____. *Televisão subliminar. Socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GARDNER, Howard. *Arte, mente e cérebro – Uma abordagem cognitiva da criatividade*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GOMES, Pedro G. e COGO, Denise M. (Orgs.). *O adolescente e a televisão*. São Leopoldo: Unisinos, 1998.

GUTIÉRREZ, Francisco e PRADO, Cruz. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999.

HODGE, Bob e TRIPP, David. *Children and television: a semiotic approach*. Cambridge: Polity Press, 1986.

HORKHEIMER, Max. *Crítica de la razón instrumental*. 2. ed. Buenos Aires: Sur, 1973.

JACKS, Nilda. *Querência: cultura regional como mediação simbólica – um estudo de recepção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: LARROSA, Jorge e LARA, Nuria Pérez de (Org.). *Imagens do outro*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LAZAR, Judith. *Mídia e Aprendizagem*. In: *Mediatamente! - Televisão, cultura e educação I* Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

MARTIN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais*. In: *Mediatamente! - Televisão, cultura e educação I* Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

MATTELART, Armand e MATTELART, Michelle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky – uma perspectiva histórico cultural da educação*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHRAMM, W. et alii. *Television in the lives of our children*. 2. ed. Stanford: Stanford University Press, 1968.

SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, Carlos Henrique do Carmo. *Transdisciplinaridade e mutação de consciência*. Primeiro Congresso Internacional sobre Transdisciplinaridade – Setúbal – Portugal, nov. 1994.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 4. ed. Lisboa: Presença, 1995.

Recebido: 15.01.2002

Aceito: 10.02.2002